

2017



# BOLETIM DE PETRÓLEO

Bruno Luís Lacerda  
Naiara Carvalho  
Gerência de Operações e Planejamento  
Agosto - 2017



# 1 - Cenário Econômico

O cenário político internacional voltou a ser impactado por novas tensões geopolíticas entre os EUA e a Coreia do Norte, após o país comunista ameaçar lançar mísseis na ilha de Guam, território norte-americano. Depois de ameaças públicas de ambos os lados, deixando o mercado global receoso diante de um possível conflito, a Coreia do Sul juntamente com a China buscaram mediar tal situação. Assim, houve recuo nas tensões geopolíticas com a Coreia do Norte suspendendo seu plano, e com os EUA afirmando que usará mais a diplomacia para com o governo coreano.

No tocante aos dados macroeconômicos dos EUA, o mercado de trabalho apresenta números comumente associados a uma economia estável. Segundo o Departamento de Trabalho dos EUA, o índice de desemprego do país em julho alçou uma taxa de 4,3%, reiterando a avaliação de que o país encontra-se em níveis próximos ao pleno emprego. Quanto à solicitação de seguro desemprego, houve uma redução em torno de 12 mil requisições referente à semana encerrada em 11 de agosto, que registrou 232 mil pedidos do benefício. A criação de postos de trabalho no mês citado também deu fôlego ao mercado, visto que eram esperadas 183 mil vagas quando na verdade foram obtidas 209 mil. No entanto, o PMI industrial decepcionou o mercado, ao passo que o indicador registrou no mês de julho 56,3 pontos ante a 57,8 observado no mês anterior. Contudo, tal número ainda indica expansão da atividade industrial, uma vez que encontra-se acima dos 50 pontos. Assim, esta conjectura positiva da economia norte-americana influenciou na decisão do FED em não alterar sua taxa de juros, mantendo-a na faixa entre 1% e 1,25%.

No outro lado do Atlântico, os indicadores da Zona do Euro continuam apontando recuperação econômica da região. A taxa de desemprego caiu 0,2% em junho na comparação com o mês anterior, alçando o valor de 9,1%. A inflação dos dezanove países que compartilham o Euro manteve-se inalterada, registrando no mês de junho 1,3%. O PMI industrial da região apontou recuo em 0,2 pontos na comparação de julho com o mês anterior, totalizando no mês em questão 56,6 pontos, o que ainda configura expansão da atividade industrial.

Direcionando a análise para a Ásia, pode-se ressaltar que a segunda maior economia mundial, a China, apontou recuo em julho quanto ao seu Índice Geral de Compras (PMI). O índice registrou 51,4 pontos no mês observado, ante 51,7 em junho. A leitura que se faz diante de tal número é que apesar deste decréscimo ainda está havendo crescimento da atividade industrial chinesa, posto que o indicador estabeleceu-se acima dos 50 pontos, o que significa expansão da atividade industrial. Vale ressaltar ainda, que a balança comercial chinesa obteve ganhos no mês de

julho em relação a junho, impulsionada por uma demanda global firme. As exportações no período citado subiram 14,7%, enquanto as importações aumentaram 11,2%, configurando um superávit comercial na ordem de 47,89 bilhões de dólares no mês em questão.

Sob o ponto de vista doméstico, continua presente no mês de julho a baixa inflação dos indicadores mensais de preços: O IPCA e o INPC apresentaram, respectivamente, modestos avanços de 0,24% e 0,17%, enquanto o IGP-DI apontou recuo de 0,30%. Assim, a visão benigna quanto ao quadro inflacionário doméstico favoreceu a continuidade nos cortes da taxa de juros SELIC, que foi reduzida em 1 ponto base pelo Comitê de Política Monetária do Banco Central (Copom), ficando em 9,25% a.a..

No lado político-fiscal, a confirmação do arquivamento das denúncias contra o presidente Michel Temer, deixou o mercado mais otimista, uma vez que sua permanência no cargo representa um alívio quanto às instabilidades políticas, elevando assim, a probabilidade de aprovação de reformas que objetivam a recuperação fiscal no país. Ainda com o intuito de equilibrar as contas públicas o Governo Federal anunciou elevação nos impostos de PIS/COFINS sobre combustíveis, que logo foi revogado pela justiça. Assim, dada às dificuldades fiscais do país, a equipe econômica optou por revisar a meta fiscal tanto deste ano quanto para 2018, que ficou estipulada em um déficit primário na ordem de R\$ 159 bilhões.

Dessa forma, apesar dos fatores internacionais citados, a economia nacional ainda está sendo mais influenciada via acontecimentos internos. A queda no risco doméstico, tendo em vista o declínio da inflação, aliado com as possíveis aprovações das reformas fiscais, possibilitam uma retomada gradual da atividade econômica brasileira.

## 2 - Preços

Os preços do petróleo registraram no mês de julho de 2017 um valor mínimo de US\$ 46,71, máximo de US\$ 52,65 e média de US\$ 49,15, representando um acréscimo de 3,29% em relação ao mês de junho. A expectativa da Agência Internacional de Energia (EIA) é que o preço do barril de petróleo feche em US\$ 52,00 tanto em 2017 quanto em 2018. Em comparação ao relatório anterior, houve acréscimo de US\$ 1,00 na expectativa do preço para o final deste ano e estabilidade do valor para o encerramento do ano seguinte.

O Departamento de Energia dos EUA (DoE) informou que os estoques norte-americanos de petróleo bruto declinaram em 8,9 milhão de barris na semana encerrada em 11 de agosto. Tal número foi acima da previsão do mercado, cuja previsão era de queda em torno de 3 milhões barris, no período observado. Assim, a expectativa de contínuos declínios nos estoques de petróleo dos EUA aliada com o acordo de corte de produção, liderado pela OPEP, tende a dar esperança ao mercado quanto a um maior equilíbrio entre demanda e oferta de petróleo, valorizando assim o preço da *commodity*.

O gráfico 1, mostra a queda intensa no preço do barril de petróleo, a partir do segundo semestre de 2014. No mês de janeiro de 2016 o preço chegou ao valor mínimo de US\$ 26,01, e apesar das fortes oscilações a partir de então, demonstra uma tendência gradual de melhora, porém com certa estabilidade nos últimos meses do período em análise. Já o gráfico 2, evidencia o cálculo da correlação entre as variáveis, preço do petróleo e taxa do câmbio, exibindo uma negatividade de 0,9 entre fevereiro de 2014 e julho de 2017, podendo ser considerada uma correlação muito forte.

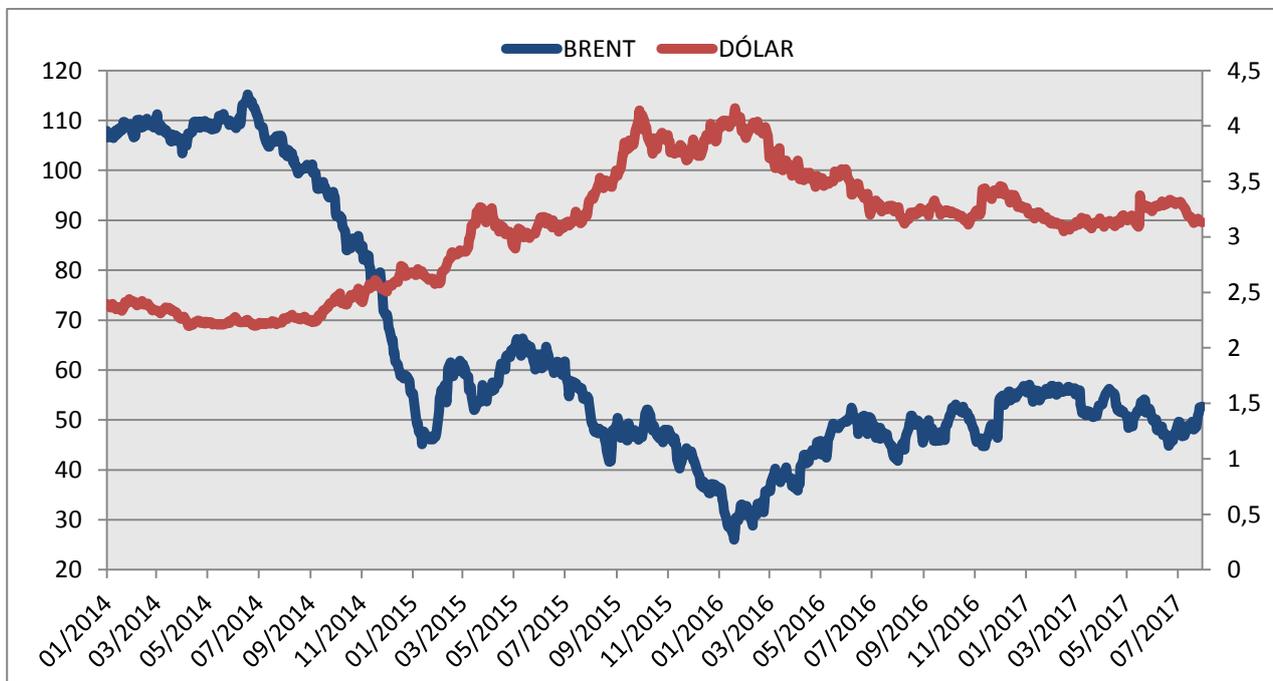
De acordo com o Boletim Focus, de 11 de agosto de 2017, a expectativa para este ano é que o câmbio encerre cotado em R\$ 3,25. A média do câmbio no mês de julho ficou em R\$ 3,21. Assim, o Banco Central estima uma valorização da moeda norte-americana, fato este que pode ser associado a fatores internos, tal como as incertezas ligadas ao cenário político, que influencia os investidores a diminuir seu apetite ao risco, buscando assim divisas mais seguras, como o Dólar.

Gráfico 1: Preço do Brent



Fonte: ICE/ GOP

Gráfico 2: Brent X Dólar



Fonte: GOP/ICE/Bacen

## 3 - Demanda

Segundo dados da OPEP, a demanda global para 2017 deve crescer 1,37 milhão de barris por dia (mb/d) em relação a 2016. Tal expectativa aumentou em 0,1 mb/d em relação ao relatório do mês anterior. A estimativa da EIA, está em conformidade com a da OPEP: haverá um crescimento da demanda por petróleo neste ano, contudo esta presume um aumento de 1,42 (mb/d) ante ao ano anterior (houve um recuo de 0,05 mb/d em relação ao relatório passado). Assim, ambas as agências estão de acordo quanto à expansão da demanda em 2017, fato este que tende a dar maior equilíbrio ao mercado, compensando o excesso de oferta global de petróleo, recuperando assim seu preço.

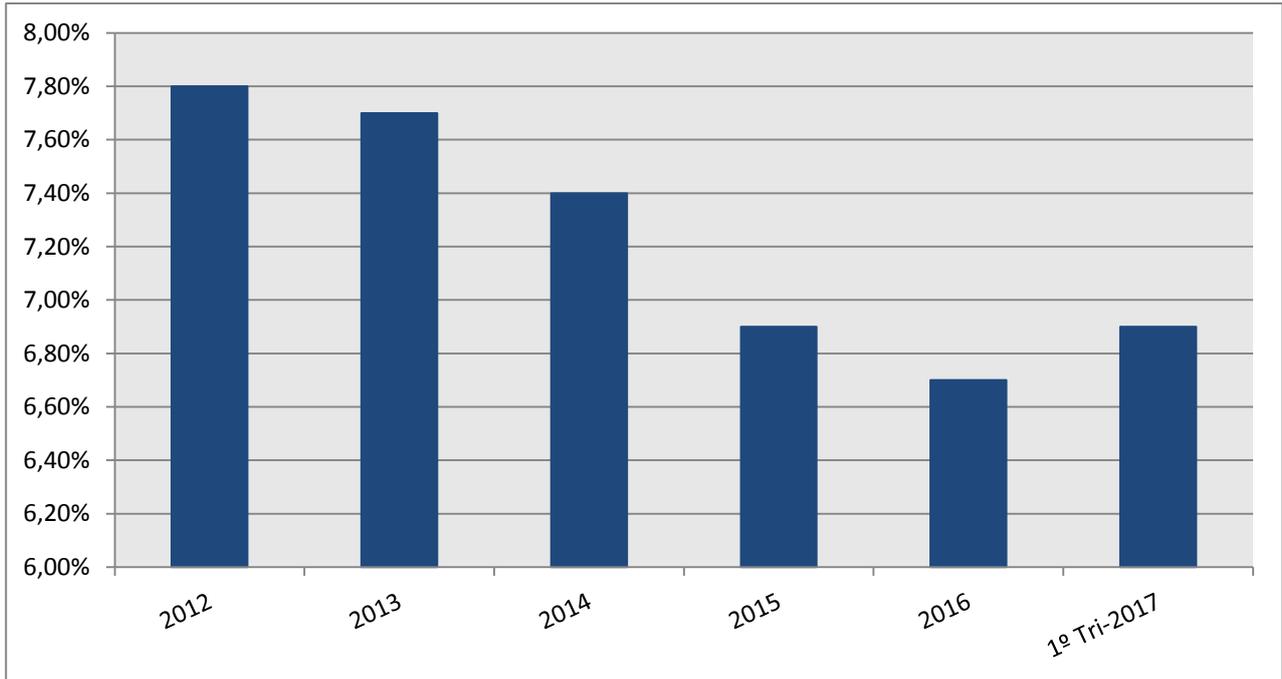
A OPEP e a EIA entram também em conformidade, no que concerne aos países que impulsionarão tal avanço. As duas instituições salientam que a região da Ásia tende a ter um papel fundamental pela procura de petróleo, pois grande parte desse crescimento será consumida pela Índia e China. Contudo, analisando individualmente cada país o maior demandante é os EUA, pois ele somente consome cerca de 20% do petróleo mundial.

A China é a segunda potência econômica mundial, sendo a maior exportadora de bens para o resto do mundo. Apesar da desaceleração, vista no gráfico 3, o crescimento chinês ainda é forte se comparado a maioria dos países. Sendo assim, seu consumo por petróleo se mantém crescente.

A Índia vem vivenciando nos últimos anos um período de expansão em sua economia, sendo necessário um maior consumo da *commodity*. Conforme exposto no gráfico 4, o PIB do país vem demonstrando um crescimento na faixa de 7,0% a.a., mantendo esta tendência para 2017.

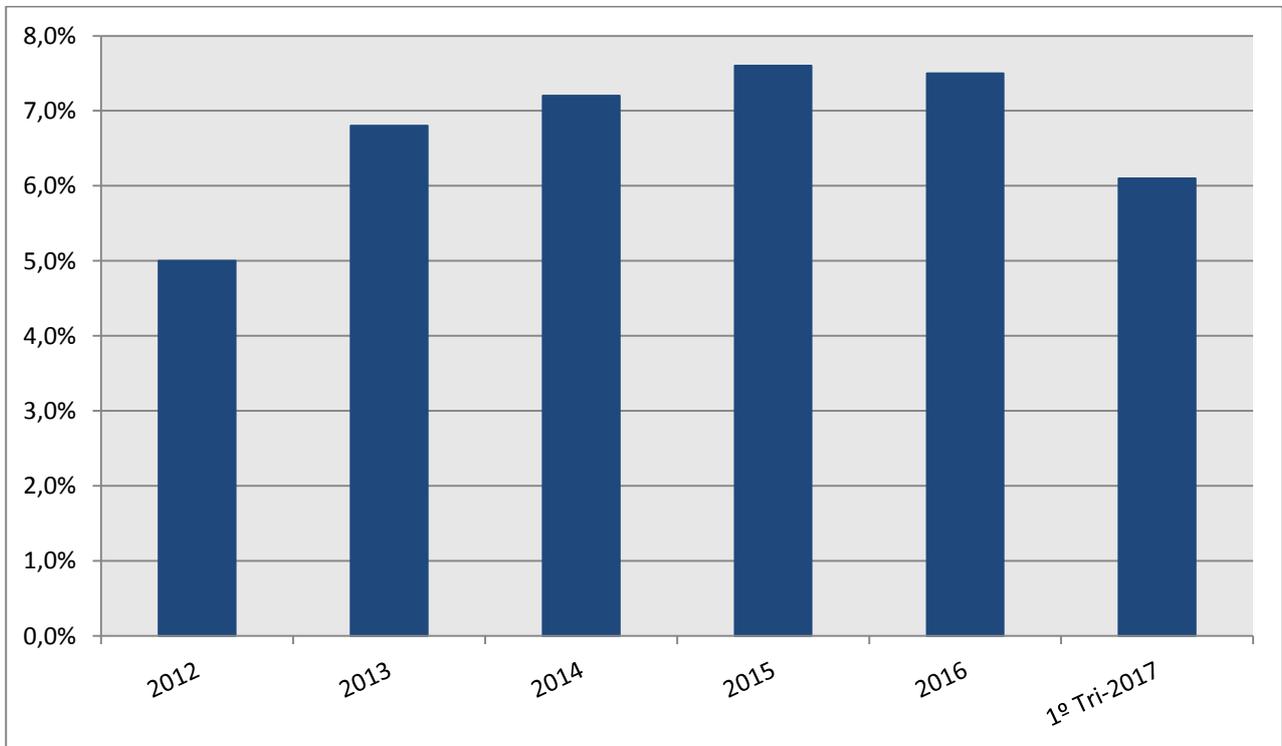
Assim, conclui-se que a demanda mundial será consumida, pela Ásia, sobretudo, Índia e China, e pelos EUA. Vale ressaltar ainda que, juntamente, os três países consomem cerca de 38% da demanda mundial de petróleo, ou seja qualquer choque na economia destas nações tende a impactar fortemente a demanda mundial.

**Gráfico 3: PIB - China**



Fonte: Broadcast

**Gráfico 4: PIB - Índia**



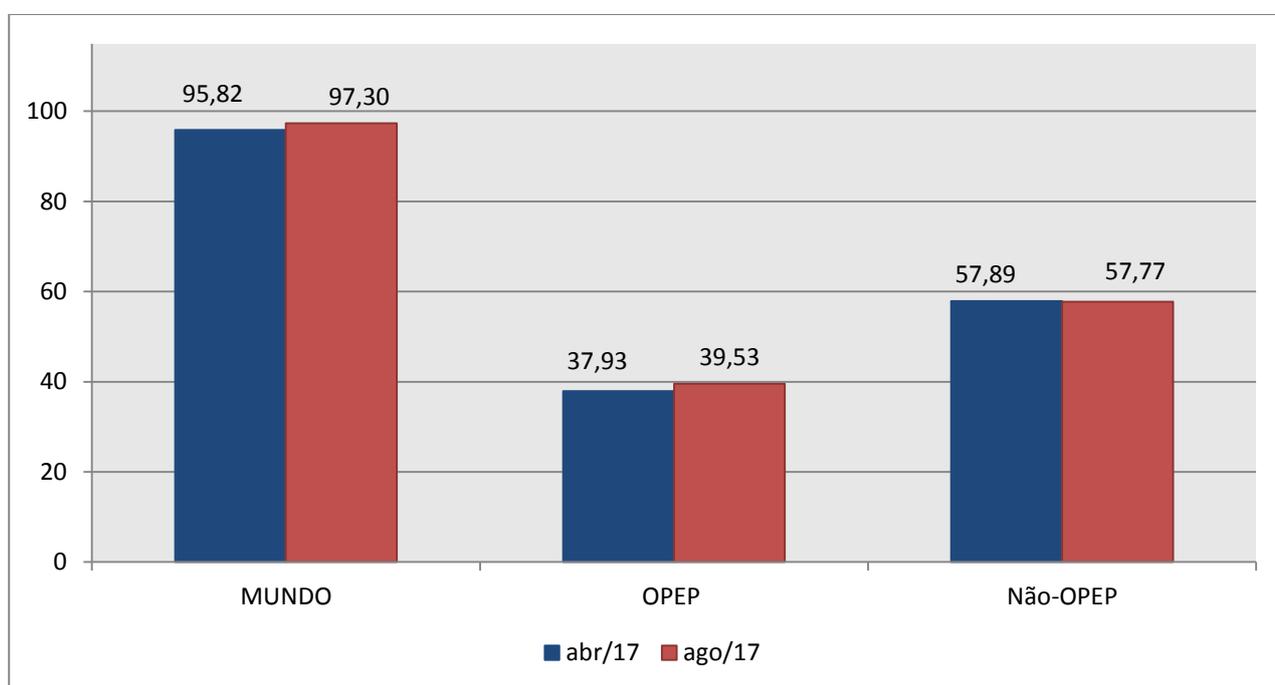
Fonte: Broadcast

## 4 – Oferta

### 4.1- Estimativa OPEP

Segundo a OPEP, a oferta mundial de petróleo será em 2017 de cerca de 97,3 milhões de barris ao dia (Mb/d), valor este a maior em 1,48 Mb/d na comparação com o estimado em abril deste ano. Os países integrantes de seu bloco contribuirão com 39,53 Mb/d, caracterizando um acréscimo de 1,6 Mb/d em relação ao relatório de abril. Já os países não pertencentes ao cartel terão uma participação de 57,77 Mb/d, configurando um decréscimo de 0,12 Mb/d. Tais afirmações podem ser vistas conforme o gráfico 5.

Gráfico 5: Estimativa OPEP

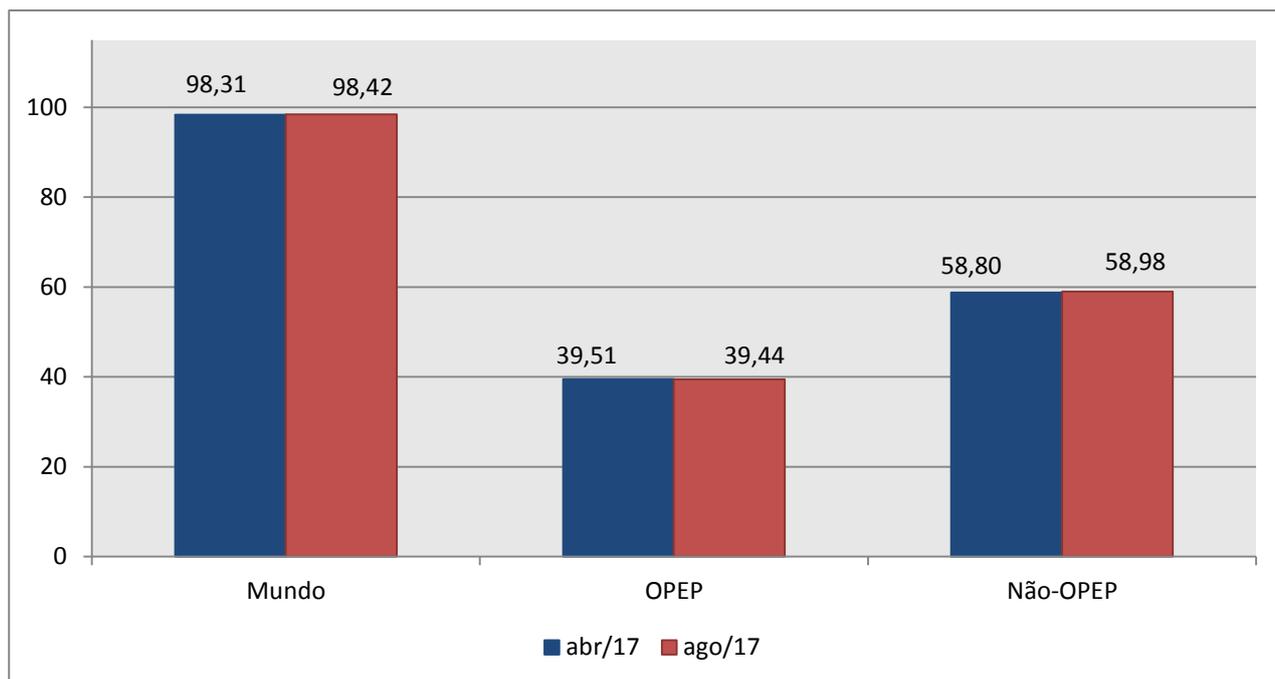


Fonte: OPEP/EIA

### 4.2- Estimativa EIA

De acordo com a EIA a produção global de petróleo encerrará o ano de 2017 em 98,42 mb/d, número este superior em 0,11 mb/d na comparação com o previsto em abril deste ano. Os países que compõe a OPEP contribuirão com 39,44 mb/d do montante total, resultando um recuo de 0,07 mb/d ante ao previsto no relatório de abril. Já os países não integrantes do bloco ofertarão 58,98 mb/d, representando uma alta de 0,18 mb/d na comparação com o relatório de abril. Tais afirmações podem ser vistas conforme o gráfico 6.

**Gráfico 6: Estimativa EIA**



Fonte: OPEP/EIA

### 4.3- OPEP x EIA

Assim, fazendo um comparativo entre as perspectivas da OPEP e da EIA em relação à oferta para o encerramento do ano, pode-se dizer que:

- 1- Ambas as agências preveem que ocorrerá crescimento da oferta global neste ano, na comparação com o relatório de abril. Vale lembrar que em relação ao encerramento de 2016, a oferta mundial também é crescente;
- 2- A OPEP estima um aumento da oferta dos países que estão vinculados ao cartel, já a EIA prevê redução;
- 3- A OPEP presume queda na oferta dos países não integrantes de seu bloco, já a EIA estima alta da oferta dos mesmos.

Logo, tendo em vista o exposto acerca das projeções da demanda e oferta para o término de 2017, pode-se concluir que a OPEP e a EIA acreditam que haverá um crescimento tanto da demanda quanto da oferta global, porém esta crescendo menos do que a demanda. Contudo, vale enfatizar que apesar de as agências preverem uma demanda se recuperando em relação à excessiva oferta global deste ano, o forte crescimento da produção dos EUA diminui tal margem o que pode influenciar negativamente as perspectivas de negociação da *commodity*.

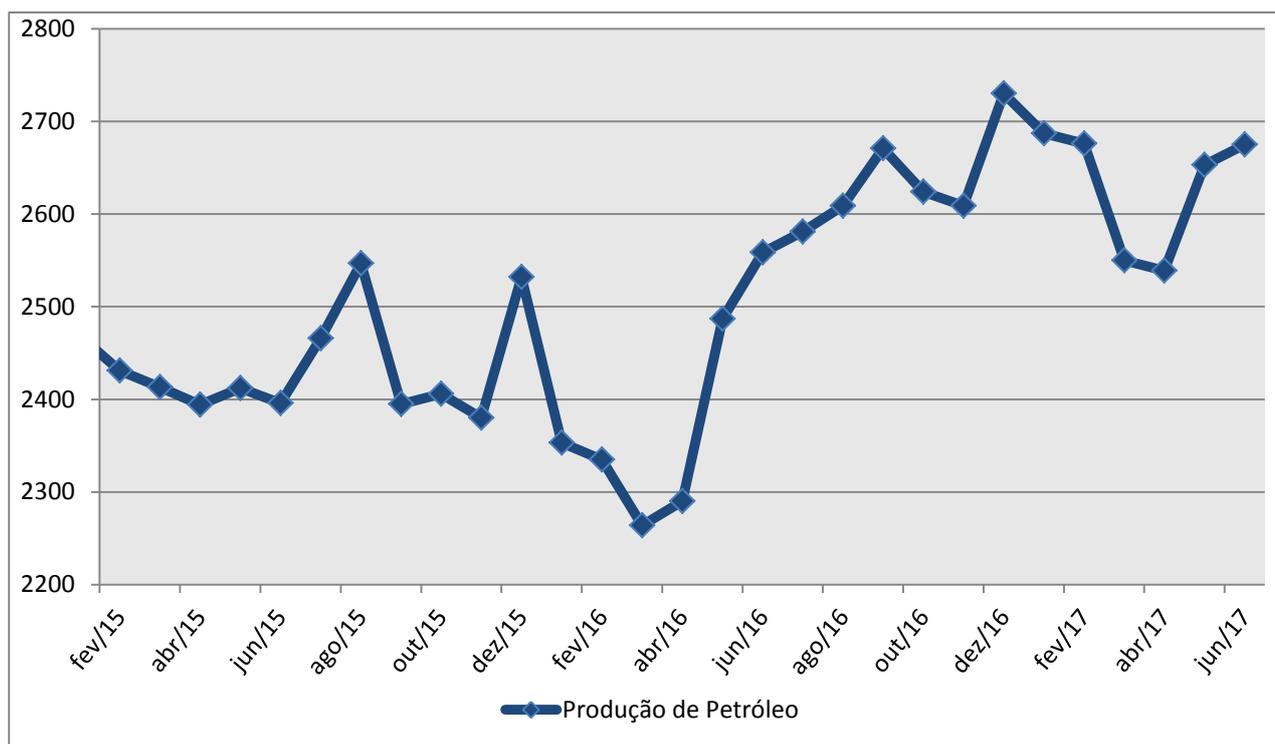
## 5 – Brasil

### 5.1- Produção

Conforme divulgado pela Agência Nacional de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP), a produção de petróleo do país no mês de junho ocorreu em 8.220 poços, sendo 744 marítimos e 7.476 terrestres. Houve uma redução de 86 poços em atividade na comparação ao mês anterior. Os poços marítimos, mesmo apresentando um número quantitativamente inferior aos de origem terrestre, produziram em torno de 95% de petróleo do país, no mês em questão.

Segundo a ANP, a produção nacional em junho registrou 2.675 mil barris de petróleo ao dia (Mbbbl/d), configurando um aumento de 0,8% em relação ao mês de maio. Tal afirmação pode ser observada na série histórica do gráfico 7.

Gráfico 7: Histórico de produção de petróleo



Fonte: ANP/GOP

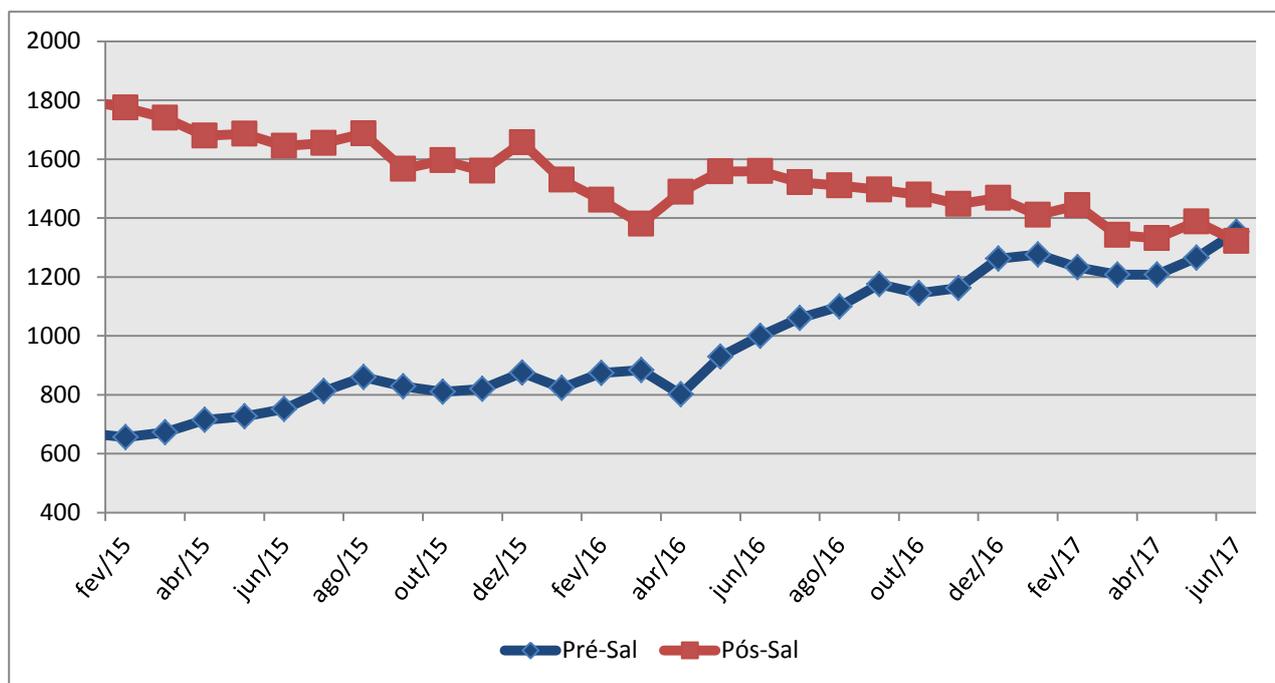
### 5.2- Pré-Sal x Pós-Sal

No mês de junho o pré-sal, registrou uma produção de 1.353 Mbbbl/d. Tal produção é oriunda de 77 poços, o que representa aproximadamente 50,6% do total produzido no Brasil. Em comparação ao mês de maio, a produção cresceu cerca de 7% representando um novo recorde de

produção. Já o pós-sal registrou no mês em análise 1.322 Mbbl/d, equivalente acerca de 49,4% da produção nacional. Este número reflete uma queda de 4,8%, se comparado ao mês anterior.

Desse modo, conforme verificado no gráfico 8 pode-se perceber que a curva relacionada à produção do pós-sal apresenta viés de queda enquanto a do pré-sal segue em ascendência, chegando a ultrapassar a produção do pós-sal, mesmo este tendo um número maior de poços explorados.

**Gráfico 8: Evolução da produção do Pré-Sal e Pós-Sal**



Fonte: ANP/GOP

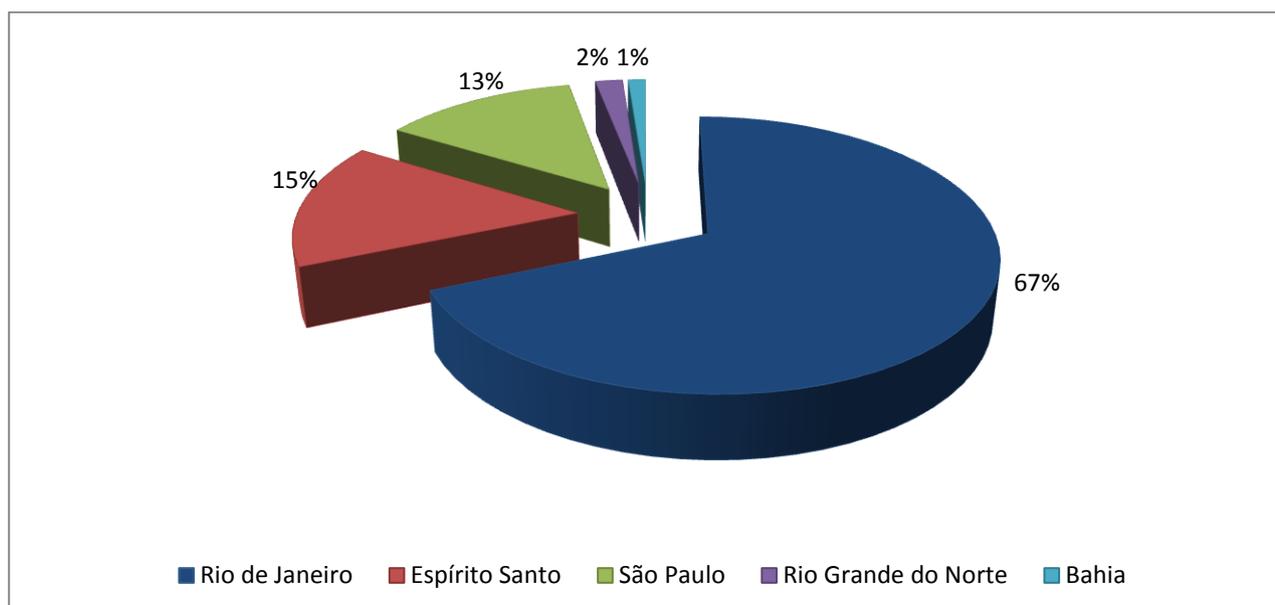
### 5.3- Estados Produtores

Atualmente, o Brasil possui dez (10) estados produtores de petróleo, sendo os maiores produtores Rio de Janeiro, São Paulo, Espírito Santo, Rio Grande do Norte e Bahia. De acordo com a ANP, o Rio de Janeiro possui maior notoriedade, pois ele, somente, foi responsável por 67% da produção nacional referente ao mês de junho.

Faz-se perceptível a importância do petróleo para o Estado, visto que o somatório da produção dos outros quatro maiores produtores representam juntos apenas 46% da produção fluminense. Vale ressaltar ainda, que o Estado de São Paulo é detentor de apenas seis (6) poços em atividade, mas que apresentam elevado grau produtivo, conduzindo assim, o estado à posição de terceiro maior produtor do Brasil.

Tais afirmações podem ser vistas, respectivamente, no gráfico 9 e na tabela 1.

**Gráfico 9: Estados produtores**



Fonte: ANP/GOP

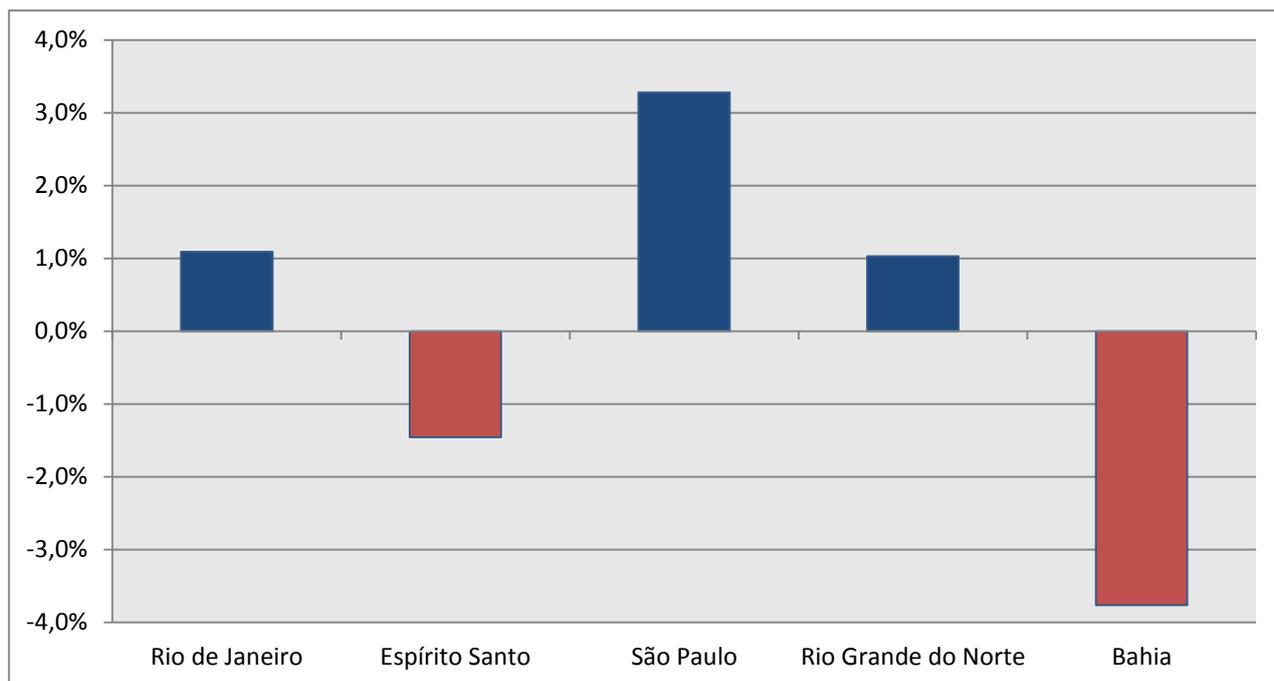
**Tabela 1: Distribuição da Produção por Estado**

ESTADO	PRODUÇÃO - JUNHO	Nº CAMPOS PRODUTORES
Rio de Janeiro	1.798.475	42
Espírito Santo	400.387	47
São Paulo	345.107	6
Rio Grande do Norte	48.390	77
Bahia	31.088	81

Fonte: ANP/GOP

Em relação à produção, referente ao mês de junho, dos estados mencionados pode-se verificar que tanto os estados do RJ, quanto o de SP, apresentaram elevação quanto a sua produção. Como estes detêm grande parcela da produção nacional, qualquer variação dos respectivos graus produtivos influencia a direção do montante total.

**Gráfico 10: Variação da Produção – Principais Produtores Estaduais**



Fonte: ANP/GOP

## 5.4- Bacias

Grande parte das jazidas brasileiras de petróleo estão situadas em bacias sedimentares, sendo sua maioria em locais marítimos de águas profundas. Estas não se restringem apenas a uma localidade, podendo abranger dois ou mais estados. Hoje em dia a produção nacional é oriunda de doze (12) bacias, dentre as quais se destacam: Bacia de Campos - ES / RJ; Bacia de Santos - SP / RJ; Bacia Potiguar - RN; Bacia do Recôncavo - BA e Bacia do Espírito Santo – ES/BA.

A Bacia de Campos e a Bacia de Santos somaram no mês observado cerca de 94% da produção nacional, o que comprova a extrema concentração da capacidade produtiva do país nestas, informação esta que pode ser verificada na tabela 2.

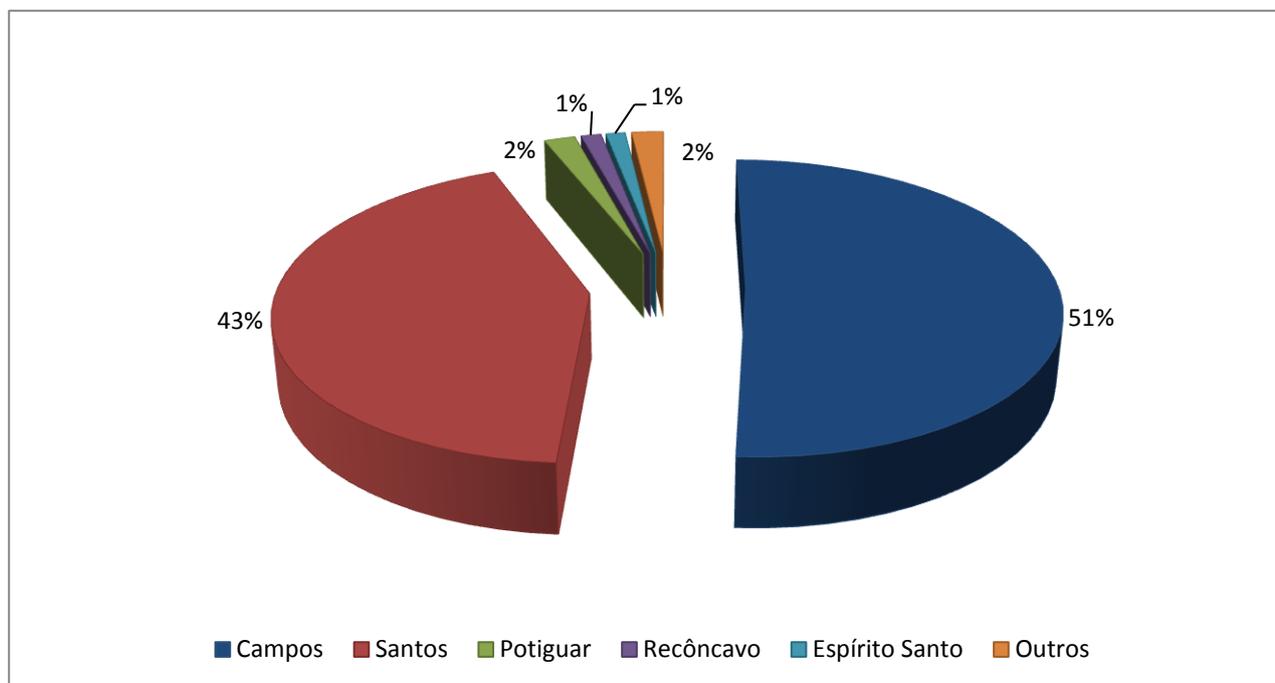
**Tabela 2: Distribuição da Produção por Bacia**

BACIA	PRODUÇÃO - JUNHO	Nº CAMPOS PRODUTORES	LOCALIZAÇÃO
Campos	1.363.089	45	Rio de Janeiro/Espírito Santo
Santos	1.148.768	10	Rio de Janeiro/São Paulo
Potiguar	49.614	79	Rio Grande do Norte
Espírito Santo	32.113	40	Espírito Santo/Bahia
Recôncavo	30.741	78	Bahia

Fonte: ANP/GOP

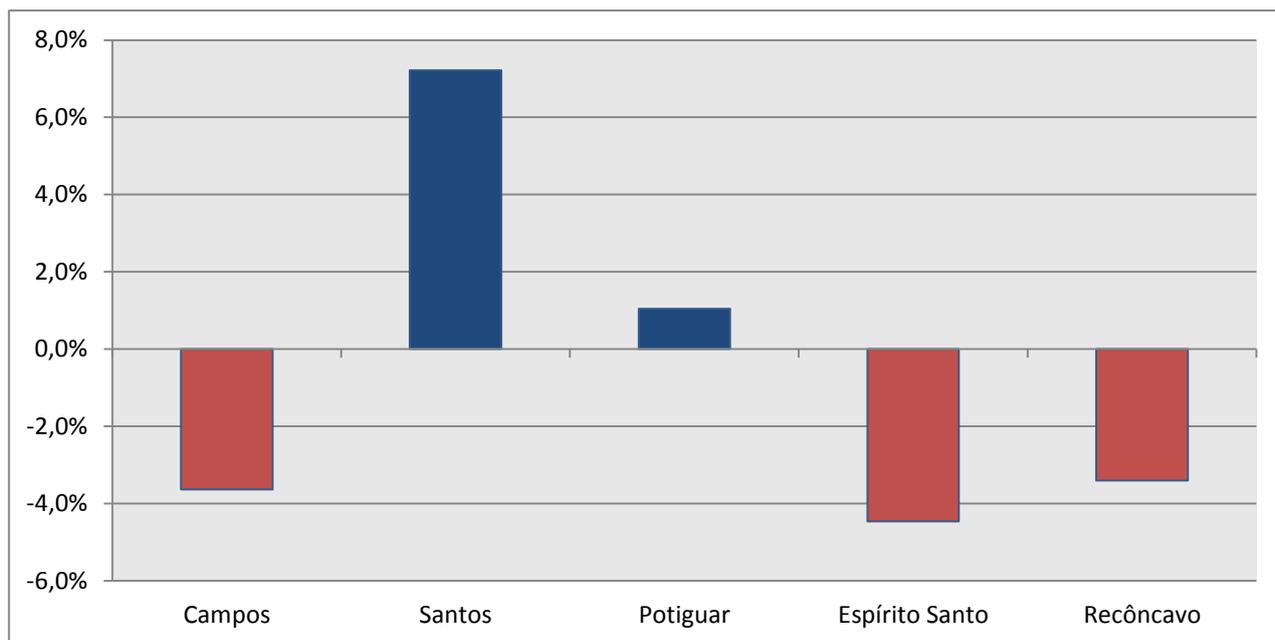
No mês em análise, como já mencionado, a ANP divulgou a produção nacional de 2.675 Mbbl/d (mil barris por dia) ao qual foi constatado um acréscimo frente a maio. A ênfase na elevação da produção total do mês de junho pode ser atribuída à bacias de Santos, que apontou uma variação positiva em 7,2% na comparação com o mês anterior. Tais constatações podem ser vistas nos gráfico 11 e 12, respectivamente.

**Gráfico 11: Produção de Petróleo por Bacia**



Fonte: ANP/GOP

**Gráfico 12: Variação de produção das principais Bacias**



Fonte: ANP/GOP

## 5.5- Campos

No que concerne aos campos pode-se destacar os cinco maiores produtores: Lula, Sapinhoá, Roncador, Jubarte e Marlim Sul. Estes juntos somaram no mês de junho cerca de 59% da produção de petróleo operada no país, e estão concentrados nas Bacias de Santos e de Campos.

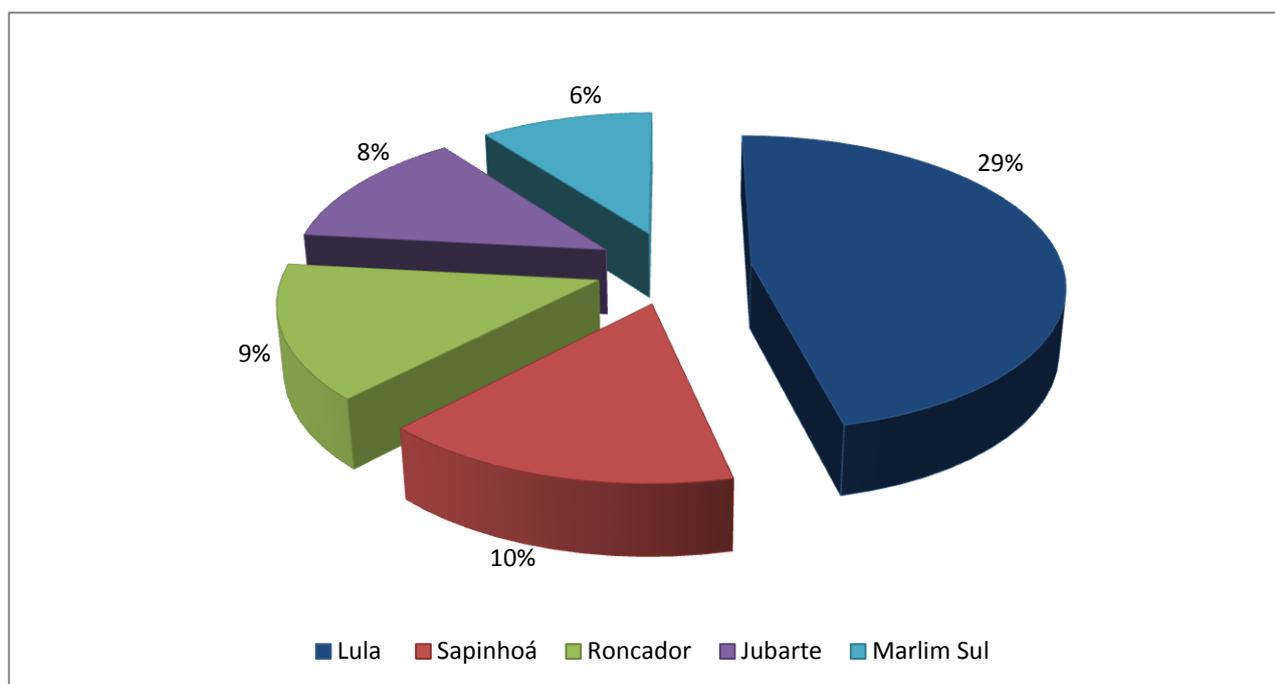
**Tabela 3: Distribuição da Produção por Campo**

CAMPO	PRODUÇÃO (Mil barris)	LOCALIZAÇÃO
Lula	763	Santos
Sapinhoá	260	Santos
Roncador	240	Campos
Jubarte	214	Campos
Marlim Sul	169	Campos

Fonte: ANP/GOP

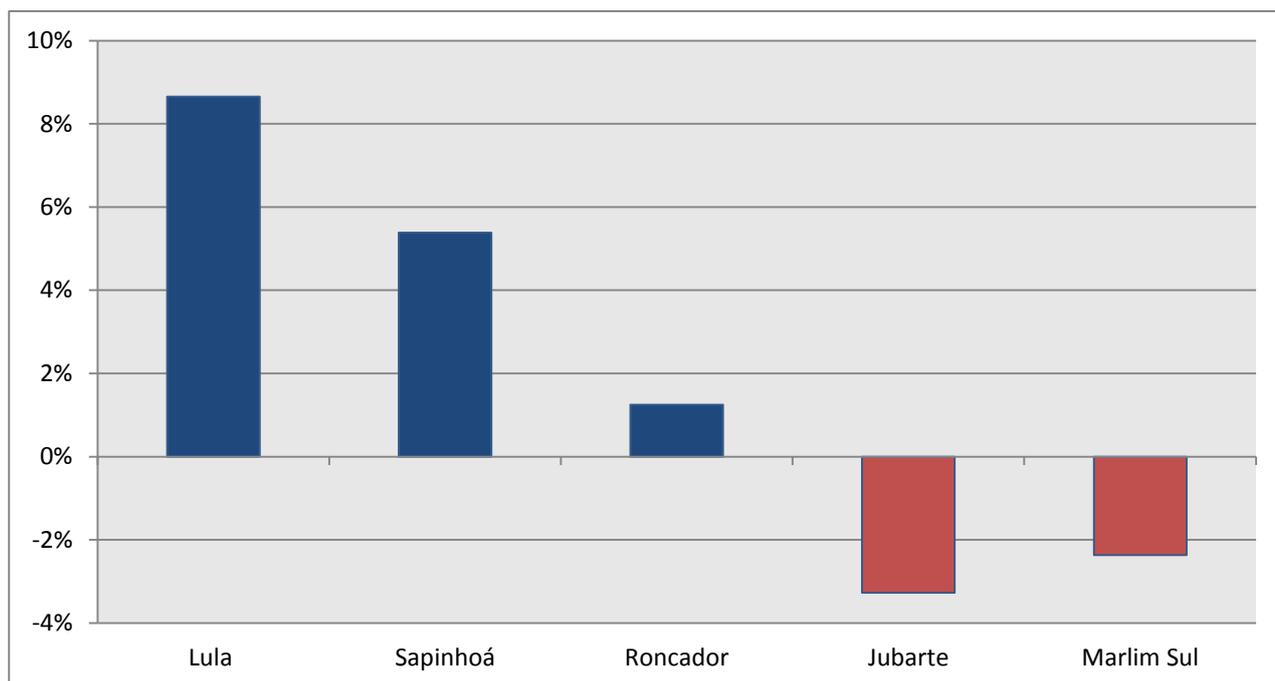
O campo de Lula, na Bacia de Santos, possui maior destaque dentre os citados, pois este, somente, representa no mês de junho, aproximadamente 29% do resultado nacional. A produção de petróleo de Lula, no mês em questão apontou uma produção de 763 Mbbl/d, uma variação percentual positiva de 9% na comparação com o mês anterior. Tais números configuram-se em um novo recorde. Assim, pode-se concluir que, em especial, o campo de Lula foi responsável pela elevação da produção do estado do Rio de Janeiro (vista no item 5.3). Tais ratificações podem ser vistas, respectivamente, nos gráficos 13 e 14.

**Gráfico 13: Produção de Petróleo por Campo**



Fonte: ANP/GOP

**Gráfico 14: Variação de produção dos principais Campos**



**Fonte: ANP/GOP**

Dessa forma, pode-se concluir que os ganhos da produção nacional, vistos no item 5.1, deuse pela alta da produção do Pré-Sal. Esta elevação foi influenciada pelo aumento de produção da Bacia de Santos, esta sendo, sobretudo, motivada pelos ganhos oriundos do Campo de Lula.